

GOÍSAS
MOSSAS

luiZ ANTONiO
* SiMAS *

Simas, Luiz Antonio
S598c Coisas nossas / Luiz Antonio Simas. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
José Olympio, 2017.
142 p.

ISBN 978-85-03-01332-1

1. Crônica brasileira. 2. Rio de Janeiro (RJ) - Crônicas. I. Título.

17-42317

CDD: 869.8

CDU: 821.134.3(81)-8

Copyright © Luiz Antonio Simas, 2017

Capa: Renan Araujo

Editoração eletrônica: Ba Silva

Agradecimentos da editora ao jornal *O Dia*, por ter nos cedido gentilmente os textos das páginas 11, 13, 17, 19, 21, 25, 27, 29, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 59, 61, 65, 67, 69, 71, 73, 75, 77, 81, 85, 87, 89, 91, 93, 95, 97, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 128, 130, 132 e 134 para reprodução.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta edição à

EDITORIA JOSÉ OLIMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 - 3º andar - São Cristóvão

20921-380 - Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

ISBN 978-85-03-01332-1

Impresso no Brasil

2017

Apresentação

**AS CRÔNICAS DESTE LIVRO PODEM SER LIDAS
COMO BULAS ANTIGAS DE REMÉDIOS FORTIFICANTES**

Os textos deste livro formam uma espécie de roteiro sentimental de uma cidade que talvez nunca tenha existido, mas que certamente vive em mim. Algumas foram publicadas na coluna que mantive durante quase dois anos no jornal *O Dia*, outras circularam em sites e redes sociais. Há ainda material inédito. Todas elas, de certa forma, falam a partir da fronteira entre a crônica e a História sobre a vida que acontece nas ruas, entre festas, folguedos, brincadeiras, celebrações e miudezas. Muitas coisas foram inventadas, sobretudo aquelas que, convictamente, tenho certeza que ocorreram.

Macumba, carnaval e samba

Ao me lembrar das festas de Ano-Novo da infância, confesso que a sidra de macieira Cereser e a aguardente Praianinha, com um anúncio de televisão embalado por um ponto de macumba (Vamos homenagear / Iemanjá, a Rainha do Mar...), me marcaram naquela fase, entre 4 e 10 anos de idade, em que tudo se define na vida de uma pessoa, sobretudo os fundamentos da personalidade. O dia em que, na Praia de Magé, meu avô permitiu que eu tomasse um golinho de sidra para brindar, enquanto Dona Olga recebia Iemanjá, os erês tocavam a quizumba na areia e o Manoelzinho Motta dava um migué para beber a birta dos despachos alheios, teve uma importância incomensurável na minha formação. Eu via o carnaval como uma extensão do réveillon e o réveillon como o início do carnaval.

Arrisco uma psicanálise de terceira categoria: acho que naturalizamos aquilo que conhecemos cotidianamente quando crianças. Eu cresci em uma família nordestina que gostava de macumba, carnaval e futebol, e fazia disso referências sentimentais poderosas. Sabem aquele Brasil que, para certos sabichões com nostalgia das Europas, não presta; o do samba, do tambor e da festa? Muito prazer, sou filho dele, neto de mãe de santo e sobrinho de um ex-presidente de bloco de enredo. Eu teria, neste caso, duas hipóteses: execrar essas coisas (ou ao menos algumas delas); ou vivenciá-las como componentes amorosos da minha vida. Prevaleceu a segunda.

O problema é que meu Brasil sentimental está indo para o beleléu. Setores do bonde da aleluia acham que umbanda e candomblé são do diabo e incendeiam terreiros com o olhar complacente das auto-

ridades. Macumba só é boa quando serve para descolados fazerem moda e alternativos falarem de orixá como se fosse signo do zodíaco e terapia de autoconhecimento.

Os cartolas do futebol, em conluio com os empresários da bola e a bandidagem das empreiteiras, resolveram que estádio é arena multiuso e torcedor é cliente com poder aquisitivo.

O carnaval anda em perigo: as escolas de samba sucumbem à lógica dos grandes eventos e desfilam para um sambódromo cheio de gringos com sono. Já o carnaval de rua passa por um processo de uniformização — a antítese da folia e parte de uma tendência mais ampla de higienização social da festa — que quer incluir até a cerveja que o folião terá que tomar.

Mas não desanimo. Temos tarefas pela frente: inventar e reconstruir novos terreiros, campos e avenidas. Quem nasceu e aprendeu na festa, afinal, sempre encontrará as brechas para bater tambor, gritar o gol e cantar um samba.